

Sóror Juana Inés de la Cruz e a consciência feminina

Ana Carla de Abreu Siqueira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3344-2863>

Resumo: Neste trabalho, acompanhamos a trajetória da pensadora e poeta Sóror Juana Inés de la Cruz, freira mexicana que viveu na colônia durante o século XVII. Em um primeiro momento, mostramos brevemente sua formação pessoal e sua história. Em seguida, identificamos em suas palavras e ações elementos que nos permitem considerá-la feminista. Ainda que o termo fosse inexistente no período barroco, sua postura é abertamente de defesa do sexo feminino e seu direito de estudar. Sóror Juana não teve qualquer formação filosófica, mas discutiu o problema do conhecimento assim como muitos pensadores da colônia espanhola. Então, olhamos para sua produção poética e o pensamento filosófico da colônia, para compreendermos sua busca pelo conhecimento. Por fim, discutimos como a freira barroca incorporou o que Octavio Paz chamou de consciência feminina.

Palavras-chave: Barroco, consciência feminina, conhecimento, filosofia, Juana Inés, poesia.

Abstract: In this paper, we follow the trajectory of thinker and poet Sóror Juana Inés de la Cruz, a Mexican nun who lived in the colony during the 17th century. At first, we briefly show her personal background and her history. Then, we identify in her words and actions the elements which allow us to see her as a feminist. Although the term didn't exist in the baroque period, her stance is openly in defense of female sex and it's right to study. Sóror Juana didn't have any formal instruction in philosophy, but she discusses the problem of knowledge as many of thinkers in the Spanish colony. Therefore, we take a look at her poetic production and at colony's philosophical thought, to understand her search for knowledge. At least, we discuss how the baroque nun has incorporated what Octavio Paz named as female consciousness.

Mots-clés: Baroque, female consciousness, knowledge, philosophy, Juana Inés, poetry.

Introdução

Sóror Juana Inés de la Cruz está entre os nomes mais importantes da poesia latino-americana. A religiosa mexicana que viveu no período barroco escreveu versos sobre o amor, expressou sua incansável busca pelo conhecimento e defendeu que mulheres teriam direito a uma instrução formal. Essa combinação de características faz com que alguns de seus poemas possam ser definidos como filosóficos e feministas. Porém, durante a colonização da Nova Espanha, à semelhança do que ocorreu em muitos lugares e em variadas épocas, as mulheres não tinham acesso à vida pública e intelectual. Para compreendermos o caso de Sóror Juana, é preciso explorar sua defesa pelo direito das mulheres ao estudo e isso só foi possível quando ela despertou para a consciência feminina.

Em outras palavras, ela despertou para a ideia de que mulheres seriam capazes de desenvolver um pensamento crítico e participar de movimentos poéticos, literários, filosóficos, científicos e humanísticos. O objetivo deste artigo é mostrar como Sórora Juana vivenciou esse período de surgimento da consciência feminina e se tornou referência para a instrução do seu sexo. No século XVII, ela fez da escrita um gesto de resistência contra imposições em torno do papel que as mulheres deveriam ocupar no mundo, antecipando uma discussão que, no decorrer de anos, tem sido colocada por pensadoras, filósofas e autoras feministas em todo o mundo.

I. A história de Sórora Juana

No século XVII, o México era uma colônia espanhola que experimentava um forte movimento cultural na corte do vice-reino, na universidade e em suas instituições religiosas. E de onde provinham as mudanças que transformavam a colônia em um ambiente fecundo para o nascimento de novas ideias? Segundo Gracinda Barros, destacam-se “dois fatores decisivos para a força da Cidade Letrada: a exigência de uma vasta administração colonial e a necessidade da evangelização. Essas duas tarefas prescindiam um grande número de letrados trabalhando na colônia.” (BARROS, 2011, p.3) O acesso à educação ainda era restrito aos homens, mas diante deles uma freira se destacou: Sórora Juana Inés de la Cruz, poeta e pensadora da Nova Espanha que falou sobre a instrução feminina, o amor cortês e a busca pelo conhecimento.

Em uma época na qual mulheres eram proibidas de estudar ou, pelo menos, tinham acesso restrito aos livros, a freira colocou no papel suas experiências. Com a vida marcada pelo amor ao saber, ela se comportava enquanto filósofa quando reconhecia a própria ignorância, como declarou na carta *Respuesta a sor Filotea de la Cruz* (1700): “Eu não estudo para escrever, muito menos para ensinar [...], mas para ver se ao estudar ignoro menos.” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.27) Para ela, a busca pelo conhecimento jamais se encerra e o aperfeiçoamento constante por meio dos estudos seria um caminho frutífero para quem se interessasse por uma vida de perguntas e aprendizagem.

Juana Inés Ramírez de Asbaje nasceu em San Miguel Neplanta no dia 12 de novembro de 1651. Descendente de espanhóis, ela incorpora em si a identidade latino-americana, pois além de nascer e viver na América Latina, como ressalta Luis Armando González, “o horizonte de sua vida, suas expectativas, sonhos e frustrações estão no mundo americano, com os problemas concretos, culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos da época.” (GONZÁLEZ, 2013,

p.11) A situação histórica, a vida cultural e o lugar onde viveu foram essenciais para a formação de sua singularidade, assim como os valores do período barroco influenciaram sua existência.

Por exemplo, seus pais não eram casados¹ e, por ser uma filha natural, já conhecia as dificuldades comuns às mulheres que não pertencem a uma estrutura familiar tradicional. Esse pressuposto foi fundamental para que ela formasse preocupações específicas sobre o papel atribuído ao sexo feminino na sociedade e sua condição de vida. Quanto aos estudos, precisou criar suas próprias oportunidades para se instruir, como descreve na seguinte passagem da *Respuesta*:

E assim, tendo conquistado alguns princípios, estudava continuamente diversas coisas sem ter nenhuma inclinação particular, mas para todas em geral; pelo qual, algumas ter estudado mais do que outras, não foi por minha escolha, mas pelo acaso de ter tido à mão livros daquelas faculdades às quais dei, sem meu arbítrio, a preferência. (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, pp.36-7)

Juana Inés frequenta a corte dos 16 aos vinte anos e lá desenvolve boas relações, as quais iriam divulgar seu trabalho publicamente e protegê-la por muitos anos. Mas a vida na corte era insuficiente para que pudesse escrever, o que a faz tomar a decisão de entrar para o convento². Por sua vez, o casamento era uma opção irrealizável porque sua família não poderia pagar o dote e, ao mesmo tempo, indesejado na medida em que, para a mulher, o matrimônio deveria estar acima de qualquer instrução pessoal. Suas condições financeiras também foram decisivas para essa escolha: a vida no convento apareceu como possibilidade para que ela se dedicasse aos estudos. Logo, a escolha pela vida religiosa não aconteceu por vocação, mas por consistir na única oportunidade de ter um refúgio seguro para estudar, especialmente porque ainda seria capaz de manter contato com a corte e o mundo exterior.

Ao contrário do que poderíamos imaginar, a vida no Convento de São Jerônimo não era cheia de privações rigorosas. Além da alta posição que membros da vida religiosa desfrutavam na colônia barroca e das celas espaçosas que ocupavam, havia serventes e escravas à disposição das freiras (BARNSTONE, 1993, p.72). Apesar dessas vantagens, manifestar opiniões e se dedicar às letras ainda eram privilégios dos homens. Em uma cultura colonial masculina que preservava a tradição oral (GONZÁLEZ, 2013, p.25), escrever era um ato de revolução para

¹ González comenta que Juana Inés “foi uma filha natural, fruto da união de Pedro Manuel de Asbaje e Isabel Ramírez, o primeiro possivelmente um cavalheiro biscainho e a segunda filha de uma família crioula.” (GONZÁLEZ, 2013, p.15) Os termos *criollo* e *criolla* eram atribuídos aos espanhóis nascidos na Nova Espanha.

² Ela entrou para o Convento de São Jerônimo em 1667, após não ter se adaptado às rígidas regras e restrições impostas pela ordem San José de las Carmelitas Descalzas, onde teria que abrir mão dos estudos.

qualquer mulher. É certo que era impossível que Juana Inés se denominasse feminista, porém, se olharmos para sua defesa da vida intelectual e produtiva das mulheres, certamente ela merece ocupar um lugar entre as pensadoras que contribuíram para o feminismo.

Segundo a filósofa mexicana Rosario Castellanos, Sórora Juana aborda a própria feminilidade em algumas passagens de sua obra. Ao invés de assumir uma essência imposta pela sociedade, a freira optou por alimentar sua feminilidade enquanto uma hipótese. Com essa postura, não se pode afirmar que ela cultivasse a ideia de que ser mulher não deveria caber em definições fechadas. Mas é possível acreditar que se trata de uma tentativa particular de construir a si mesma para que outros não a limitassem. Castellanos justifica parte do interesse geral que muitos têm pela obra da religiosa:

Porque tivera uma vocação intelectual sendo mulher. Porque, apesar de todas as resistências e dos obstáculos deste meio, exerceu essa vocação e a transformou em obra. Uma obra que causou o pasmo e a admiração de seus contemporâneos, mas não por suas qualidades intrínsecas senão porque saiu de mãos cujo emprego natural deveria ter sido a culinária ou o bordado. (CASTELLANOS, 2017, n.p.)

E até hoje, seja com desprezo ou admiração, a curiosidade por sua figura literária e pessoal quase sempre gravita em torno de suas escolhas: entrar para o convento, não casar, escrever, desafiar convenções sociais e defender a liberdade das mulheres. *Respuesta a sor Filotea de la Cruz* é em parte um texto revelador e autobiográfico, mas é necessário avaliarmos sua obra dentro do mundo onde ela viveu para entender que Juana Inés de la Cruz pesquisou o intelecto humano sob a perspectiva de uma mulher que queria explorar os limites do conhecimento. Para além do feminismo prematuro e da escrita poética de Sórora Juana, esse tema também faz parte de sua obra. O entendimento humano, a busca pela liberdade, as virtudes e a dualidade entre razão e sensibilidade são assuntos comuns à sua produção (MORKOVSKY, 1991, p.69), temas que se entrecruzam com seu feminismo prévio.

II. Uma feminista barroca e “profana”

Sem os privilégios masculinos, Sórora Juana Inés de la Cruz foi autodidata e jamais ingressou na universidade, embora tenha registrado a tentativa frustrada de convencer sua mãe a deixá-la frequentar a instituição com trajes de rapaz (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, pp.29-30). Quando criança, sua mãe havia autorizado que ela aprendesse a ler e, após isso, sua instrução pessoal

fora iniciada na biblioteca do avô materno por meio de obras em latim e dos clássicos espanhóis. É importante destacar que seu campo de interesse era amplo e diversificado: além da interpretação das Escrituras, ela também se dedicava à matemática, às ciências naturais, à mitologia, ao humanismo, à poesia e aos clássicos da filosofia (entre eles estão Aristóteles, Platão, Santo Agostinho e Tomás de Aquino). Os livros foram seus principais mestres porque ela não teve acesso a uma educação formal.

A freira adquiriu fama por sua personalidade singular, demonstrando independência intelectual e entusiasmo em seus escritos. Diante de tantas restrições, Sóror Juana se posicionou pelas mulheres e seus direitos na medida em que fazer essa defesa era possível no século XVII. As críticas às limitações impostas ao sexo feminino se revelam em seus textos, como podemos observar nos versos de um dos seus mais famosos poemas:

Homens néscios que acusais
a mulher sem ter razão,
sem ver que sois a ocasião
daquilo de que as culpais:

se com ânsia sem igual
solicitais seu desdém,
por que quereis que ajam bem,
quando as incitais ao mal?

[...]

Quem culpa maior tem tido
em uma paixão errada:
a que cai porque rogada
ou o que roga de caído?

Ou qual é mais de culpar,
se ostentam a mesma chaga,
a que peca pela paga,
ou o que paga por pecar?

(JUANA I. DE LA CRUZ, in: HORTA, 2000, pp.337-339)

O poema é uma sátira aos homens, os quais já estavam habituados a escrever sobre as mulheres no mesmo estilo (PAZ, 1998, p.417), mas a autora não pretendia se divertir nem seguir uma ideologia. Ao escrever sobre o lugar de inferioridade atribuído à mulher, ela não acompanhava um movimento como se faz no feminismo moderno. Essas palavras demonstram a injustiça no tratamento dado às mulheres: muitas de suas atitudes são definidas pelos homens, pois a moral instituída por eles as transformavam em seres incapazes de satisfazê-los, culpadas por todos os erros e cujas escolhas sempre provocariam críticas. Diante dessas convenções

morais, geralmente as mulheres eram consideradas mal comportadas enquanto eles seguiam impunes por qualquer ação contra elas. Isso não significa retirar delas a capacidade de reflexão, uma vez que a autora defende que mulheres são seres racionais. Porém, enquanto a vida pública foi permitida aos homens, elas permaneciam na esfera privada e submetidas ao contínuo julgamento masculino.

A intelectual barroca defende que “ler publicamente nas cátedras e pregar nos púlpitos não é permitido às mulheres; mas que estudar, escrever e ensinar privadamente não só é permitido, como muito proveitoso e útil” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.61). Embora a luta pelo reconhecimento e o direito aos estudos tenham vindo de um desejo pessoal, sua defesa é inovadora porque reconhece uma habilidade que pertence ao sexo feminino. Além de indicar a importância da formação de uma geração letrada e livre do obscurantismo, ela entende que os homens geralmente fazem um mau uso do conhecimento adquirido, pois a arrogância deles impede que percebam as limitações de suas faculdades e, em consequência, eles “estudam muito e digerem pouco” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.63).

Reconhecer a própria ignorância foi essencial para Juana Inés de la Cruz desde a infância até o final de sua vida, quando precisou doar livros, instrumentos musicais e aparatos científicos nos anos finais de sua existência. Isso aconteceu devido à repercussão negativa da *Carta Atenagórica* em 1690, tratado no qual falou publicamente sobre Teologia e refutou um antigo discurso escrito pelo padre Antônio Vieira sobre a maior virtude de Cristo³. Missionário no Brasil, o jesuíta português detinha privilégios e alta reputação intelectual devido ao seu sexo e sua posição. Sob o pseudônimo de Sor Filotea de la Cruz, o bispo Dom Manuel Fernández lhe escreveu uma resposta pública e de caráter condenatório, embora não tenha sido pessoalmente depreciativo com a freira⁴.

³ Sobre a história da carta, é interessante a observação de Gracinda Barros: “Trata-se de uma crítica ao Sermão do Mandato, do Padre jesuíta Antônio Vieira. A linguagem da Carta é simples, as frases são curtas e os argumentos fixados de forma bastante objetiva, num texto teológico polêmico e denso. [...] A questão da crítica ao sermão do Padre Antônio Vieira ultrapassa o valor do debate teológico. Sórora Juana ao fazer essa crítica estava atacando uma das pessoas mais importantes de um determinado grupo: os jesuítas. O Padre Antônio Vieira era, além de jesuíta, um amigo do Arcebispo da Cidade do México, Aguiar Seijas, a maior autoridade religiosa da Nova Espanha e também o maior crítico das atividades intelectuais da freira-poeta.” (BARROS, 2011, p.4) Em relação à virtude de Cristo, Padre Antônio Vieira acreditava que se tratava do ensinamento do amor ao próximo. Por sua vez, Sórora Juana “afirmava que a maior virtude de Cristo foi não fazermos nenhuma bondade, ou seja, deixar-nos em absoluta liberdade, pois custava mais a Deus não fazermos nenhum benefício do que derramar sobre nós seus benefícios.” (TRABULSE, 1998, p.11)

⁴ Quanto ao tema da carta, Barnstone (1993, p.79) destaca que: “Ele elogia sua habilidade em verso métrico, mas deseja que pudesse cumprimentar sua escolha de tema, ou seja, seus poemas profanos. Ele lembra que ele mesmo não concorda com a visão comum que condena a prática da escrita por mulheres.”

As críticas abertas foram uma tentativa de intimidar a autora da carta e, segundo Carlos Ruiz, fazê-la “seguir o papel de mulher que lhe correspondia.” (RUIZ, 2013, p.12) O resultado foi a famosa e pequena obra intitulada *Respuesta a sor Filotea de la Cruz*, escrita por Sóror Juana em 1691 e publicada postumamente, na qual ela argumenta sobre a importância de seus estudos e lembra que era uma religiosa sem pretensões de ofender as doutrinas do Santo Ofício. Ela afirma que: “não quero (e tal disparate não cabe a mim) dizer que me perseguiram por saber, mas somente porque tenho amor à sabedoria e às letras, não porque tenha conquistado um ou outro.” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.51) Assim, em uma prosa autobiográfica, defende que a mulher pode receber instrução, aprender, ensinar as Escrituras e se manifestar pelas letras.

Sóror Juana parou de publicar somente quando o silêncio se tornou sua única alternativa e isso significa apenas que ela agiu de acordo com uma decisão imposta por seus superiores. Elías Trabulse (1998, p.15) ressalta que ela não pretendia abandonar o trabalho com as letras. Na verdade, no período entre o início do processo eclesiástico e a sentença final, enviou o segundo tomo de suas obras para publicação na Espanha e ainda tentou publicar em Portugal uma obra intitulada *Enigmas ofrecidos a la Casa del Placer*. Porém, a condessa de Paredes evitou a publicação desta por saber da situação crítica na qual a freira se encontrava.

Enquanto seu confessor Nuñez de Miranda queria a total renúncia da poeta aos estudos e à escrita, Sóror Juana buscava alguma proteção, submetendo-se a uma confissão geral sobre sua vida na corte e no convento, sua obra e suas amizades (PAZ, 1998, pp.624-5). Portanto, sua atitude foi uma convenção da qual não conseguiu escapar, um sacrifício por parte de alguém que cultivava o amor ao saber. Acima de tudo, foi consequência do medo⁵ que ela sentia de seus condenadores e do poder eclesiástico que arruinaria ainda mais sua vida por qualquer desobediência além daquela de ser uma mulher letrada. Como afirma Otávio Paz (1998, p.640), “se fosse homem, não a teriam atormentado os zelosos príncipes da Igreja.”

O arcebispo Aguiar y Seijas criou a narrativa de que Sóror Juana abdicou voluntariamente de seus livros e instrumentos com a revelação póstuma de um documento chamado *Protesta de la Fe*. Nessa declaração, ela assinara um termo no qual professava sua fé e mostrava dedicação à igreja, o que deveria servir de exemplo às outras freiras do convento para que vivessem a vocação com mais rigor e disciplina. Mas o documento possuía um estilo impessoal, o que pode sugerir que ela nunca admitiu abandonar as letras por vontade própria. Assim, o religioso

⁵ Para Octavio Paz (1998, p.629), foi “o gesto de uma mulher aterrorizada, que pretende conjugar a adversidade com o sacrifício do que mais ama. A entrega da biblioteca e da coleção de instrumentos e objetos foi uma verdadeira ação destinada a aplacar o poder inimigo: Aguiar y Seijas.”

conseguiu fazer com que essa história se tornasse prova de uma concessão arbitrária com o objetivo de disfarçar a censura e a perseguição contra Sórora Juana (TRABULSE, 1998, p.16).

De acordo com Barros, “a *Respuesta* é um documento único na literatura hispânica e a sua ideia inicial é exatamente responder ao Bispo de Puebla as orientações quanto à instrução da mulher ao saber profano.” (BARROS, 2011, p.5) Não se trata de fazer uma comparação direta entre o saber profano e o conhecimento sagrado. Sua intenção é defendê-los – o sagrado e o profano – para a construção de um conhecimento livre e, ao mesmo tempo, destacar que a formação da mulher também pode acontecer por meio de um exercício de reflexão e estudos sobre os acontecimentos mundanos, não somente por revelações divinas. Muitas de suas poesias falam sobre o amor romântico, ou porque elas foram encomendadas⁶ ou porque a pensadora-poeta escolhia incorporar em suas próprias palavras manifestações de amor, ainda que fossem vividas por outras pessoas.

Segundo Barnstone, “dada a sua completa dedicação como uma mulher das letras, ela ser uma freira intensifica e dramatiza a situação amorosa. E além de quem Juana era ou não, além da biografia e da conjuntura psicológica, é justo olhar primeiro para o poema.” (BARNSTONE, 1993, p.65) Reduzir esses poemas a experiências pessoais com especulações sobre quem e para quem ela escrevia é o mesmo que apagar a voz da autora, colocando sua criação poética abaixo de sua vida pessoal, como se a poesia fosse ilustrativa dos seus sentimentos. Juana Inés de la Cruz era uma freira e se dedicava à vida espiritual. Contudo, ela também ousou expressar o amor carnal em seus poemas com o objetivo de exercer seu direito de escrever e, em especial, para mostrar que uma mulher pode se ocupar livremente com as letras e com temas considerados profanos.

Escrito na América Latina durante o período colonial, *Respuesta a sor Filotea de la Cruz* é anterior a textos fundamentais sobre a condição feminina, tais como *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792) de Mary Wollstonecraft, *Um teto para todos* (1929) de Virginia Woolf e *O segundo sexo* (1949) de Simone de Beauvoir. Além disso, fica evidente que a ausência de mulheres em muitos períodos da literatura, da filosofia e das ciências é resultado da falta de oportunidades em vez

⁶ Morkovsky diz que “A nobreza frequentemente procurava sua companhia e pedia que ela escrevesse versos para aniversários e ocasiões especiais, assim como peças e cortejos para celebrações solenes na corte vicereinal.” (MORKOVSKY, 1991, p.61) Por outro lado, Octavio Paz acreditava que seria apenas suposição dizer que esses poemas de amor eram encomendados a ela (PAZ, 1998, p.383). Sórora Juana recebia pagamento da corte para escrever vilancios e espetáculos, cujo pagamento em dinheiro era tão importante quanto o prestígio e a proteção que também lhe eram dados. Mas em geral, sua poesia estava a serviço da igreja e, por isso, ela não poderia deixar de atuar de acordo com sua classe social, seu trabalho religioso e o modo de se comportar considerado adequado ao sexo feminino.

de qualquer inferioridade intelectual. Essa pequena obra mostra que a busca pelo conhecimento e o desejo que mulheres cultivavam em ingressar na vida pública também estavam presentes fora do continente europeu. No caso, Sóror Juana Inés de la Cruz seguia o estilo barroco e cortesão, abordando seus conteúdos com precisão, como é o caso do tema do amor cortês.

III. O amor cortês na poesia barroca

Neste artigo, não há o propósito de nos aprofundarmos na vida íntima de Sóror Juana e isso se deve a dois motivos. O primeiro é que o interesse por sua obra deve superar qualquer curiosidade sobre possíveis amores. Por mais que seja fundamental conhecer a mulher para saber quem foi a poeta e intelectual, é preciso olhar para o legado poético e filosófico que chegou até nós. Afinal, a obra escrita possui mais valor do que meras especulações em torno de sua vida privada. O segundo motivo é a impessoalidade própria aos textos barrocos, pois até mesmo as experiências vividas deveriam seguir regras de estilo que as transformavam em vivências genéricas e universais (PAZ, 1998, p.195). Na verdade, poemas eróticos eram comuns ao período, ainda que fossem escritos por religiosos. Apesar de parecer contraditório, alguns poemas vieram da pena de uma mulher religiosa. Seu caso é ainda mais surpreendente porque, durante muitos anos, Sóror Juana permaneceu impune por escrever versos considerados profanos.

Embora não mencionasse seu estado religioso nesses poemas, sua identidade era conhecida e tanto sua posição privilegiada dentro do convento quanto suas relações com o palácio lhe permitiram ter liberdade para a criação de poemas fora do campo da poesia moral (PAZ, 1998, pp.382-3). Toda curiosidade sobre a sua intimidade é despertada pelo teor dos versos caracterizados pelo tema do amor cortês e, portanto, por uma linguagem idealizadora, às vezes de subserviência, exaltação e intimidade amorosa⁷. A devoção de Sóror Juana à vice-rainha é um exemplo nítido da literatura comum ao período barroco: as expressões usadas pela freira revelam gratidão àquela que lhe protegia e a sinceridade de sua amizade, revestindo-se de aspecto pessoal e um estilo único entre tantos poemas sobre o amor cortês.

Outro ponto em que muitos questionam sua vida pessoal se refere à sexualidade. Em alguns poemas, há descrições dos corpos humanos e, na maioria dos versos, o corpo feminino se

⁷ Cf. PAZ, 1998, p.428: “Há um incessante vaivém, sobretudo no período barroco, entre o erótico-profano e o religioso, o popular e o culto”.

destaca porque existia um ideal em torno da mulher como linguagem metafórica. Falar com intimidade sobre a constituição física masculina era inadequado para uma sociedade católica, principalmente se essa abordagem partisse de uma freira (PAZ, 1998, p.312). Muitos dos aspectos pessoais de seus escritos estão costurados com elementos dessa tradição que falava de amor, usava metáforas e misturava experiências vividas com um padrão de estética. Ou seja, esses versos devem ser lidos como um exemplo da poesia barroca, de uma obra de arte. E ainda que se tente buscar o que é ou não é uma transcrição de seus sentimentos, devemos sempre lembrar que a imaginação faz parte da vida.

A poesia de caráter cortesão carregava o simbolismo de uma sociedade regida por poderes religiosos e soberanos. Esse estilo garantia à freira relativa independência dentro do claustro, como explica Octavio Paz:

[...] ela apoiava-se nos favores do palácio para afirmar sua posição no convento e conservar sua independência diante das outras freiras. Graças ao prestígio e à influência que lhe outorgaram seus poemas cortesãos, ela pôde defender-se da inveja, das mesquinhas e intrigas da vida conventual. Em nossa época, para sobreviver e conservar sua independência, os poetas escrevem em jornais, são professores universitários ou consagram-se a outras atividades da mesma natureza. Os poemas cortesãos foram seus artigos, suas conferências e suas lições universitárias: o preço que precisou pagar para que a deixassem tranquila e pudesse escrever aquilo que sua fantasia, sua inspiração ou seu capricho lhe ditavam. (PAZ, 1998, p.368)

Juana Inés de la Cruz escreveu por meio da observação do mundo ao seu redor, por assimilação de textos lidos e das músicas ouvidas, por lembranças das próprias vivências e pela imaginação. Tudo isso constituía sua própria vida e, portanto, esse método torna sua poesia autêntica (PAZ, 1998, p.385). Poetas criam no tempo vivido e dentro da realidade que conhecem, desde o tema escolhido até o estilo e o uso da métrica. Assim, é natural que Sórora Juana tenha produzido uma obra que se encaixasse no cânone poético da tradição, o que nos permite reconhecer o estilo da época em seus poemas. Ainda que nem todos os versos ilustrem sentimentos pessoais, são criações marcadas por sua voz que, além de poética, também era filosófica e acompanhava o movimento intelectual que florescia na colônia, como veremos a seguir.

IV. O problema filosófico do conhecimento na colônia

Alguns dos escritos de Juana Inés de la Cruz são dedicados às possibilidades do conhecimento humano, tema pertinente ao contexto no qual surgiram. A filosofia do México no século XVII se formou a partir do pensamento produzido e estudado na Espanha. Todavia, em cada país a filosofia se desenvolvia com a predominância de problemas específicos, apesar da tentativa de resolvê-los a partir de princípios em comum. Outra diferença decisiva era o fato de a escolástica e o neoplatonismo já estarem superados no velho continente, enquanto a sociedade novo-hispânica insistia nesses modelos de pensamento. A escolástica apresentava pluralidade em seus pontos de vista devido à amplitude de orientações filosóficas recebidas, tais como a metafísica, a ética e a teologia filosófica (STONE, 2007, p.303).

Nesse quadro, destacam-se o tomismo, integrado pelas questões sobre as provas da existência de Deus e da imortalidade da alma; e a leitura dos jesuítas, os quais defendiam que a capacidade de fazer escolhas distingue os seres humanos dos demais seres vivos. Para eles, há uma constante busca pela compatibilidade entre a providência divina e a moral criada pelos homens (STONE, 2007, p.313). De caráter aristotélico, a escolástica dos jesuítas influenciou bastante o pensamento filosófico de Sóror Juana porque a educação colonial na América era responsabilidade deles. E como reconhecer o pensamento filosófico mexicano diante daquele feito por seus colonizadores? Segundo o estudo de Mauricio Beuchot (1996, p.23), apenas alguns autores mexicanos podem ser considerados coloniais, uma vez que a identidade mexicana ainda estava em construção.

Beuchot destaca que existia no México a preocupação em lidar com problemas concretos que eram próprios ao continente americano, como “a legitimidade da conquista, a racionalidade da alma dos indígenas, sua escravidão” (BEUCHOT, 1996, p.26). Havia também outros problemas inerentes ao período colonial, como a repressão popular e a imposição do cristianismo enquanto instrumento para a suposta salvação das almas. Todavia, não existiu muita originalidade nas produções filosóficas da colônia latino-americana do século XVII (BEUCHOT, 1996, p.27). Embora tenha questionado os limites do conhecimento humano, a freira também não traz um grande número de novidades nas suas reflexões filosóficas em relação ao que experimentamos com outras autoras e outros autores. Essa falta de originalidade refletia muito mais o período vivido do que sua dedicação aos estudos.

Octavio Paz percebe que, além das diversas influências recebidas, Sóror Juana buscava uma imensa variedade de fontes e estilos. Por ser autodidata e querer se dedicar à escrita, estava

sempre cercada por manuais, enciclopédias e tratados sobre uma diferente quantidade de temas (PAZ, 1998, p.188). É provável que ela soubesse a importância de ir ao texto para entender adequadamente o problema e assimilar as teorias que se movimentam puxadas por teorias anteriores, ao mesmo tempo em que preparam o solo para o surgimento de novas teses filosóficas. Porém, pelo difícil acesso a alguns textos e até mesmo por conta da impossibilidade de possuir determinados autores em sua vasta biblioteca, ela se instruiu por meio de passagens, manuais e compêndios. Havia sempre o risco de ter autores modernos na estante, cujas ideias sobre o racionalismo e a astronomia, por exemplo, eram contestadas por princípios religiosos.

Sóror Juana ignorava alguns nomes ilustres da literatura universal porque viveu em uma colônia de ideias envelhecidas. Esse ambiente gerou intelectuais isolados e fechados, o que fez com que o pensamento americano permanecesse atrasado em relação ao europeu. Não havia muitas ideias originárias, pois quase todas eram ideias antigas apropriadas do continente colonizador e, portanto, já superadas (PAZ, 1998, p.258). Sóror Juana Inés teria produzido muito mais com a oportunidade de frequentar a universidade ou, pelo menos, ter contato com o pensamento que florescia além do seu ambiente. Mesmo assim, sua importância é evidente, como afirma Mary Christine Morkovsky:

Apesar de não ser uma filósofa do mais alto escalão, Sóror Juana habitualmente enxergava problemas sob uma perspectiva filosófica. Essa brilhante, apaixonada, irônica mulher assimilava em vez de meramente memorizar as filosofias que ela estudou, e sua erudição permeava até mesmo sua poesia religiosa sem pretensão ou desculpa. Seus formidáveis poderes de análise são evidentes em suas prosa e poesia, as quais tanto refletem como tentam embelezar e elevar a vida de seus dias. (MORKOVSKY, 1991, p.71)

Logo, ainda que não se tenha aprofundado em muitas questões filosóficas de seu tempo, Sóror Juana parecia ter lucidez diante do obscurantismo ao qual mulheres estariam condenadas. Sua importância para o mundo barroco demonstra a formação do pensamento local, ou seja, quando a racionalidade americana ainda estava em construção. De onde veio então essa lucidez? Sua lucidez pode ser resultado da descoberta de sua condição de mulher (PAZ, 1998, p.660), evento que fez com que ela participasse abertamente do processo de formação do pensamento americano quando apenas alguns homens tinham acesso à instrução formal, além do forte emprego da sua imaginação e do seu domínio do idioma espanhol.

Willis Barnstone ressalta o esforço de Sóror Juana em publicar suas obras⁸ nesse momento específico e sua defesa pela libertação das mulheres através da palavra escrita. Nesse sentido, podemos dizer que suas ideias foram atravessadas pelos afetos e que sua autoinstrução superou um modelo de explicações sistemáticas. Muitos de seus silêncios em torno de alguns assuntos e de obras consagradas resultam da falta de acesso, mas também podemos acreditar que boa parte é prudência diante de inevitáveis censuras por parte das autoridades (PAZ, 1998, p.247). Ainda que se tenha insurgido, a freira precisava ser cuidadosa com suas palavras e o futuro lhe mostraria que determinado silêncio era a escolha mais acertada.

Sem interlocutores, ela declarou que “estudava em todas as coisas que Deus criou, servindo elas de letras, e de livro, toda esta máquina universal. Nada via sem refletir; nada ouvia sem consideração, mesmo nas coisas menores e mais materiais” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.53). O mundo ao seu redor era fonte de conhecimento e até mesmo o trabalho cotidiano de preparação da comida era essencial para que compreendesse alguns mistérios do mundo (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, pp.55-6). Quanto ao seu estilo, notamos que o uso de imagens, metáforas e versos faz parte de um modelo de pensamento que busca superar qualquer superficialidade. É por essa razão que ela parte de experiências cotidianas e dos sentidos internos a fim de ascender ao conhecimento último. Assim, os seus poemas repercutem de forma evidente suas leituras de filosofia⁹.

Entre a busca pelo conhecimento e o domínio de suas palavras, a pensadora latina cultivou o que ela mesma considerava um impulso natural doado por Deus (para o pensamento comum da época, a causa primeira de tudo que há) e dedicou a Ele seu próprio entendimento. Ela declara na *Respuesta* que:

[...] desde que me raiou a primeira luz da razão, foi tão veemente e poderosa a inclinação às letras, que nem repreensões externas – e tive muitas –, nem reflexões próprias – e não tive poucas –, bastaram para que eu seguisse este impulso natural que Deus colocou em mim: Sua Majestade sabe o porquê e para quê; e sabe que Lhe pedi que apagasse a luz do meu entendimento, deixando apenas o que bastar para que guarde Sua lei, pois o resto sobra, segundo alguns, em uma mulher; e há quem diga que cause dor. (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.27)

⁸ Sobre a questão da originalidade, Barnstone declara que “Embora ela não tenha escrito nada nova, ela não deixou suas palavras em silêncio. Na verdade, ela supervisionou e assiduamente corrigiu a publicação de três volumes de suas obras completas, o que iniciou anos antes em 1689 quando sua amiga, a Condessa de Paredes, a vice-rainha, publicou o primeiro volume de suas poesias na Espanha.” (BARNSTONE, 1993, p.83).

⁹ Nas palavras de Beuchot: “As reflexões que [Juana Inés] comunica, os autores que cita, as doutrinas que menciona e até a importância que concede a certas partes da filosofia, mostram que tinha uma ideia de nenhuma maneira insuficiente do panorama filosófico e suas prioridades.” (BEUCHOT, 1996, p.198)

No convento, encontrou a possibilidade de se dedicar aos estudos e impedir que obrigações constantes a afastassem de seu propósito, o que aconteceria caso tivesse optado por casar e ter filhos. Embora sua rotina fosse preenchida com trabalhos diários na cozinha, orações e visitas constantes de pessoas que admiravam sua obra, ela sempre cultivou o contato com os livros e, por meio das letras, procurou alcançar conhecimentos de teologia, para então se tornar digna de tomar alguma parte dos mistérios divinos que cercam a vida religiosa. Com isso, ela seguia o modelo de pensamento comum à América Latina colonizada sem abandonar a leitura de filosofia, ciências e poesia.

Em um período fortemente marcado pela escolástica, a teologia era a mais elevada entre todas as ciências e um objeto de estudo indispensável entre intelectuais do século XVII. Contudo, também exigia uma fundamentação nas demais ciências e Juana Inés de la Cruz descreve seu interesse pelo tema:

Com isto prossegui, dirigindo sempre, como já disse, os passos de meus estudos ao topo da Sagrada Teologia; parecendo-me preciso, para chegar a ela, subir pelos degraus das ciências e artes humanas; porque como entender o estilo da rainha das ciências quem ainda não sabe suas servas? Como sem Lógica saberia eu os métodos gerais e particulares com que está escrita a Sagrada Escritura? Como sem Retórica entenderia suas figuras, metáforas e locuções? [...] Como sem grande conhecimento de regras e partes das quais a História consiste se entenderão os livros históricos? Aquelas recapitulações em que muitas vezes se adia na narração o que aconteceu primeiro. Como sem grande informação de ambos os Direitos podem ser entendidos os livros jurídicos? Como sem grande erudição de tantas coisas de histórias profanas, de que faz menção a Sagrada Escritura; tantos costumes das pessoas, tantos ritos, tantas maneiras de falar? (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, pp.33-4)

O desejo de conhecer tudo o que fosse possível fez com que a poeta questionasse o próprio entendimento humano. Mas a razão seria insuficiente, uma vez que não há possibilidade de alcançarmos o conhecimento absoluto pela mente. Ela utilizou o argumento da fé como instrumento para a sabedoria (BEUCHOT, 1996, p.206) e, contra qualquer fundamentação absoluta na consciência humana, tentou conciliar sua prática filosófica e literária com a fé cristã. Em uma tradição dualista que seguia um modelo sistemático, segundo González (2013, p.43), “Sóror Juana atualiza uma paixão que havia sido perdida diante do predomínio da frieza e da rigidez racional da filosofia neoescolástica: o amor ao saber, mas um saber apaixonado.”

Para conhecer o máximo que pudesse e, ao mesmo tempo, obedecer aos limites do entendimento humano, ela manteve a disciplina guiada pelo amor à sabedoria. Por outro lado, também lhe custou ter reconhecimento por ser mulher. Sóror Juana defendia que mulheres seriam capazes de falar sobre a fé e acessar seus mistérios, além de refletir sobre os temas recorrentes à vida humana, à natureza, às paixões e às letras. A autora mexicana defende “todo o grande grupo das que mereceram nomes, seja de gregas, de musas, de pitonisas; pois todas não foram mais do que mulheres instruídas, mantidas e celebradas e também veneradas pela antiguidade” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.59).

Admitir os limites do conhecimento é mostrar a possibilidade de saber aquilo que se pode saber – o que não significa poder saber tudo – e o caminho para essa conquista se dá pela instrução. Esse tema está interligado à educação das mulheres, a qual é buscada a partir do momento em que surge a consciência feminina, isto é, pela descoberta de que o conhecimento é acessível a ambos os sexos. Juana Inés de la Cruz realizou esse movimento a partir da separação entre alma e corpo, o que a conduziu até o argumento da neutralidade da alma, como explicaremos adiante.

V. A neutralidade da alma e o surgimento da consciência feminina

Embora sejam exceções à regra, algumas mulheres alcançaram destaque público, inclusive na vida religiosa¹⁰ da qual Sóror Juana fez parte. Sua poesia resultou de uma conquista que não era possível a todas as mulheres de sua época e, mesmo nos séculos seguintes, muitas ainda permaneceram excluídas das letras e da filosofia. Especialmente na América Latina, com sua história de colonização, é essencial conhecermos aquelas que se destacaram pelo talento, como também pelas forças que as mantiveram críticas de seus tempos e atuantes por uma nova perspectiva. E se considerarmos que boa parte da sua obra foi composta em versos, há uma dificuldade maior em reconhecer seu pensamento filosófico e o caráter epistemológico de seus estudos.

Como destaca González, ela “foi a primeira mulher latino-americana que fez uma elaboração filosófica com criatividade e com plena consciência de que o fazia, embora para isso tenha se servido do instrumento que melhor dominava, isto é, o discurso poético.” (GONZÁLEZ, 2013,

¹⁰ Como exemplos, ela cita mulheres que se destacaram como Aspásia de Mileto e a rainha Cristina da Suécia, mas também cita mulheres religiosas, tais como a monja Agreda e Santa Teresa.

p.9) Portanto, a produção poética foi o meio pelo qual ela expressou suas ideias. Apesar de Juana Inés de la Cruz não associar ao conhecimento qualquer ideia daquilo que hoje denominamos de feminismo¹¹, ou seja, de não produzir epistemologia feminista, esses termos dialogam entre si na medida em que era seu interesse pessoal desvendar o modo de saber da natureza humana e isso a fez questionar sua condição de mulher.

Sua defesa pessoal ressoou para todas as mulheres, gesto possível por conta de “um elemento novo, desconhecido até então na história da cultura hispânica: o surgimento de uma consciência feminina.” (PAZ, 1998, p.563) Quando Octavio Paz traz para a discussão o termo consciência feminina, não quer dizer que havia uma propriedade subjetiva e representativa que fosse essencialmente comum às mulheres, a qual estaria, além de separada do mundo, apartada de uma consciência exclusiva do sexo masculino. Significa que, para a freira mexicana, a alma não tem sexo, como se lê no seguinte excerto do poema 19 (*Puro amor, que, ausente y sin deseo de indecencias, puede sentir lo que el más profano*):

Ser mulher, nem estar ausente,
 não é impedimento para te amar,
 pois tu sabes que as almas
 ignoram distância e sexo.¹²
 (JUANA I. DE LA CRUZ, 2012, n.p., 109-112)

No soneto 164 (*En que satisface un recelo con la retórica del llanto*) encontramos outro exemplo da neutralidade da alma. É o que defende Sérgio Fernandez quando procura entender a identidade de quem narra e de quem lê os versos. No caso, ele afirma que não há demonstração de que as palavras sejam evocadas por uma mulher ou por um homem, nem de quem as tenha recebido. O ponto decisivo de sua percepção está no vocativo “meu bem” usado por Sórora Juana a quem dedica as declarações do soneto¹³. Para ele, “Quem recebe a mensagem – este ‘meu bem’ a quem se referem os versos 1 e 9 – é uma mulher ou um homem? [...] este ‘meu bem’ concorda (por elipse dos pronomes pessoais ele e ela) com o narrador não especificado, o qual por si mesmo não tem nenhuma catalogação sexual” (FERNANDEZ, 1978, p.4). Apesar de ter sido uma grande defensora dos seus direitos, Sórora Juana evitou o uso de adjetivos e

¹¹ Ao que Alessandra Luiselli chama de “paradoxo gerado por um sujeito sem gênero em busca do conhecimento sendo forçado a assumir uma identidade feminina a fim de se beneficiar do que foi obtido como um sujeito neutro” (LUISELLI, 2017, p.185).

¹² Tradução livre de: “Ser mujer, ni estar ausente / no es de amarte impedimento / pues sabes tú que las almas / distancia ignoran y sexo.”

¹³ Respectivamente, os versos 1 e 9 são estes: “Esta tarde, meu bem, quando falava contigo [...] Chega de rigores, meu bem, chega”. (DE LA CRUZ, 2012, n.p., grifo nosso)

pronomes femininos em diversos poemas. Até mesmo quando deixa transparecer seu apoio às mulheres, ela escolhe a posição de um sujeito neutro, indefinido ou ambíguo¹⁴.

Não é o que acontece na *Respuesta*, onde deixou evidente que uma mulher escrevia a carta. Ao se colocar na posição de narradora, ela desafiou as convenções de um período em que a mulher estava nas margens da vida pública e intelectual¹⁵. Por sua vez, a única parte de *Primero sueño* onde se revela quem descreve o sonho é na linha final, quando a autora conclui com as palavras “e restituindo / inteira para os sentidos exteriores / sua ação, ficando sob a luz mais certa / o Mundo iluminado, e eu desperta.” (JUANA I. DE LA CRUZ, 1989, p.173, grifo nosso). Em vez de usar uma voz feminina, Juana Inés de la Cruz escolhe a alma humana como protagonista dos eventos que buscam o conhecimento. Mas isso não significa que ela tenha suprimido o *eu* dos versos. Como demonstra Rosa Perelmuter, a poeta muitas vezes usa os verbos na primeira pessoa do singular¹⁶. Ainda assim, ela mesma permanece implícita e apenas no fim do percurso é que percebemos sua identidade feminina, mostrando que era mais importante falar pelas mulheres do que falar enquanto mulher (PERELMUTER, 2004, p.71).

Entre as teorias filosóficas estudadas por Sóror Juana, a dualidade entre corpo e alma aparece como um argumento a favor da instrução feminina. Essa separação possibilitou uma reflexão em torno da neutralidade da alma, uma vez que a alma permaneceria independente do corpo e suas particularidades. O poema *Primero sueño* é o seu escrito mais pessoal e, considerado aquele de maior expressão filosófica em sua obra, possui uma grande variedade de interpretações (LUISELLI, 2017, p.176). A autora apresenta suas ideias filosóficas sobre as faculdades do conhecimento que agem pelos campos sensível e inteligível em busca da Causa Primeira, expondo a ciência escolástica na forma de poesia (SABAT DE RIVERS, 1976, p.193). No sonho, o corpo repousa e a alma continua em movimento, embora permaneça sem uma separação radical.

Nessa descrição, Sóror Juana mostra que o coração pulsa enquanto a alma está suspensa dos sentidos e suas influências (JUANA I. DE LA CRUZ, 1989, p.131). Mas quando nós dormimos, a alma aparece como a essência separada do corpo material e, por isso, a freira acredita na capacidade de contemplar a essência divina. É possível reconhecer nesse argumento uma

¹⁴ É o caso do mencionado poema 164, quando há ambiguidade em torno de quem seja o interlocutor tanto quanto o sujeito falante (Cf. PERELMUTER, 2004, p.80).

¹⁵ Como afirma Rosa Perelmuter (2004, p.83), “a vocação de Sor Juana (freira, mas também escritora) e seu gênero não eram precisamente compatíveis no México de sua época.”

¹⁶ Cf. PERELMUTER, 2004, p.87: “Embora a maioria das formas verbais do poema sejam na terceira pessoa do singular, há algumas exceções, como o uso muito generalizado de ‘eu digo’ que se dá repetidamente no poema.”

redução metafísica¹⁷, pela qual a autora explora a passagem de elementos sensíveis em direção à intuição. Quem está desperto é incapaz de conhecer tudo e apenas o sonho é a vivência individual pela qual superamos o conhecimento superficial conquistado pelos sentidos. Passando por estágios que vão do anoitecer ao despertar, o sonho constitui experiências de contemplação da verdade e de ascensão da alma em direção ao conhecimento da causa primeira (GONZÁLEZ, 2013, p.32).

Para Sórora Juana, “assim a mente humana à figura remonta, e à Causa Primeira sempre aspira – central ponto donde a reta retira a linha, talvez a circunferência que contém, infinita, toda a essência” (JUANA I. DE LA CRUZ, 1989, pp.141-3, 406-411). No entanto, quando despertamos do sonho e retomamos o domínio dos sentidos, percebemos que é impossível alcançar o conhecimento total da realidade e da dimensão metafísica, uma vez que a iluminação do sol acaba por ofuscar nossa visão, tal como ela descreve:

na metade do globo que deixara
o Sol desamparada,
segunda vez rebelde determina
a fazer-se coroada,
e no nosso Hemisfério tão dourada
brilhava do Sol a madeixa airosa,
que com luz judiciosa
por rol distributivo, repartindo
pelas coisas visíveis suas cores
ia, e restituindo
inteira para os sentidos exteriores
sua ação, ficando sob a luz mais certa
o Mundo iluminado, e eu desperta.
(JUANA I. DE LA CRUZ, 1989, p.173, 963-975)

Graciela Hierro Pérezcastro defende que *Primero sueño* é uma “Poesia do intelecto diante do mistério da existência. [...] não se trata de um texto religioso, é um poema metafísico na época em que todo conhecimento era filosofia.” (PÉREZCASTRO, 2014, p.168) Em sua obra poética, o tema do conhecimento se revela como interesse filosófico fundamental. Para a freira barroca, seria mais importante produzir e comunicar o saber, rompendo as barreiras que confinavam mulheres em vidas de ignorância, do que buscar um conhecimento absoluto. Uma vez que homens e mulheres são limitados, é impossível que tenham domínio absoluto sobre fatos e

¹⁷ Para Morkovsky, Sórora Juana descreve “o método clássico de proceder dos seres inanimados da classe mais baixa e de causas secundárias, alcançando aquela nobre criatura com a qual Deus se satisfaz como a perfeição suprema da criação.” (MORKOVSKY, 1996, p.67)

mistérios do mundo. Com essa postura, ela demonstrava humildade em vez de um ceticismo pelo qual duvidaria da capacidade humana de conhecer.

Juana Inés de la Cruz entendia as limitações do mundo sensível, onde havia uma busca incessante por beleza e riqueza. Esse tema aparece no soneto 146, *Quéjase de la suerte: insinúa su aversión a los vicios, y justifica su divertimento a las Musas*, quando ela diz que prefere “pôr beleza no meu entendimento e não meu entendimento na beleza [...] pôr riquezas em meu pensamento, não meu pensamento nas riquezas” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2012, n.p., 7-8). E esta convicção é a mesma do primeiro sonho: a tentativa de um conhecimento pela alma que seja o mais verdadeiro possível em oposição à transitoriedade da esfera sensível. Mesmo assim, para a estudiosa da obra sorjuanina Georgina Sabat de Rivers, a freira mexicana “não deixa nada para depois; quer saber agora, aqui na terra.” (SABAT DE RIVERS, 1976, p.196)

Todas essas passagens dos poemas de Sóror Juana mostram que a alma é o caminho para o entendimento e, se a alma não tem sexo, isso significa que o saber é igualmente uma possibilidade para homens e mulheres. Seu encontro com a consciência feminina é marcado pelo processo de busca por um ambiente onde pudesse escrever. Ao perceber que estava impedida de frequentar a universidade por ser mulher, trouxe publicamente seu desconforto com os destinos que a esperavam¹⁸. Mulheres e homens são igualmente capazes de ler, escrever, fazer contas e experimentos científicos, criar obras artísticas e manusear utensílios. Porém, os homens se aproveitaram das diferenças entre os dois sexos para que se beneficiassem na vida pública e para reforçar o discurso do imaginário segundo o qual elas seriam fracas, incapazes e inferiores. O argumento da freira é questionar essa exclusão não pelas diferenças, mas pela igualdade, dizendo:

Meus estudos não foram em prejuízo de ninguém, sobretudo havendo sido tão sumamente privados que não me vali nem mesmo da orientação de um professor, mas que penosamente o mantive comigo e meu trabalho, que discordo que cursar publicamente as escolas não seja decente à honestidade de uma mulher pela consequente aproximação com os homens e que esta seria a razão de editar os estudos públicos; e o não lhes disputar lugar indicado para eles será porque como não é mister a república para o governo dos magistrados (do que pela mesma razão de honestidade estão excluídas) não cuida do que lhes há de servir; mas os privados e particulares estudos, quem os proibiu às mulheres? Não têm alma racional como os homens? Pois por que não gozarão o privilégio da ilustração das letras com elas? Não são capazes de tanta graça e glória de Deus? Pois por que não serão

¹⁸ Destacados segundo Octavio Paz (1998, p.660) como “[...] o casamento, o concubinato ou a prostituição.”

capazes de tantas informações e ciências? Que revelação divina, que determinação da Igreja, que ditame da razão fez para nós tão severa lei? (JUANA I. DE LA CRUZ, 1998, pp.678-9)

Sóror Juana reconheceu sua capacidade intelectual apesar das limitações impostas ao seu sexo em relação aos estudos e à vida em sociedade. No período barroco, não havia qualquer compatibilidade entre ser esposa e estudiosa. Por isso, um dos poucos caminhos possíveis à sobrevivência das mulheres era o matrimônio e negá-lo significava assumir sua consciência, uma autonomia de pensamento que permaneceu inacessível a muitas mulheres. Sem uma fé apaixonada, sem posição familiar de prestígio, sem marido e filhos, ela se libertou da vida doméstica por meio da escrita. Anos mais tarde, arriscou-se com discussões teológicas e, em consequência, precisou enfrentar o arcebispo Aguiar y Seijas, o qual tinha aversão agressiva e exagerada ao sexo feminino.

Sua decisão de se tornar freira é uma demonstração da consciência feminina adquirida por ela, na medida em que se trata de uma escolha intencional. Sóror Juana não tinha vocação nem desejava se elevar espiritualmente, tampouco ingressou no convento por ter sofrido alguma desilusão amorosa. Ela estava em busca de segurança e queria evitar qualquer possibilidade de ficar desamparada, enquanto também precisava viver de acordo com a moral da época. Assim, a consciência de uma mulher que agia conforme o pensamento racional se manifestou nela e isso foi possível somente porque ela acreditava na neutralidade da alma.

Ao defender que a alma é neutra, ou seja, que as almas não têm sexo, fica evidente que o caminho em direção ao conhecimento deixa de ser um privilégio masculino e, portanto, o mundo do saber também está aberto às mulheres. Esse caminho era considerado natural devido à visão de que somos parte da criação de Deus e nossa natureza compartilha Suas virtudes divinas. Ela pergunta: “[...] por que para se salvar há de ir para o caminho da ignorância se é repugnante ao seu natural?” (JUANA I. DE LA CRUZ, 1998, p.680) Segundo essa perspectiva, se Juana Inés desejou estudar, escrever poemas e aprender ciência, foi somente porque Deus lhe colocou essa inclinação ao saber¹⁹. E por cultivar essa habilidade, Sóror Juana Inés de la Cruz, que se tornou conhecida como a décima musa e a fênix das Américas, abriu passagem para que outras mulheres também encarassem novas possibilidades.

¹⁹ Cf. SABAT DE RIVERS, 1976, p.197: “Sor Juana fala da alma dando como certa sua participação com a divindade, já realizada desde a sua criação, o que a torna capaz desse ‘voe intelectual’; recebeu o sopro divino e deve, deveria ser capaz de compreender tudo.”

Considerações finais

Octavio Paz descreveu Sórora Juana como uma mulher dotada de duas metades. Por um lado, “sua timidez diante da autoridade, seu respeito às opiniões estabelecidas, seu temor diante da Igreja e da Inquisição, seu conformismo social.” E, por outro lado, o qual se identifica mais com seu interior, “sua profunda decisão de ser o que queria ser, [...] seu destino de poeta e intelectual. A obstinação com que se empenhou em ser ela mesma” (PAZ, 1998, pp.408-9). Essa dimensão da sua personalidade a transformou em defensora do seu sexo e referência intelectual para as mulheres. A descoberta da consciência feminina diante de uma alma neutra surgiu do desconforto causado pela exclusão das mulheres da vida pública.

O interesse pela obra de Juana Inés de la Cruz se justifica pela riqueza de seu pensamento, por seu talento poético e pelas conquistas alcançadas em sua posição²⁰. Para estudar e escrever, a freira barroca desafiou autoridades católicas que desacreditavam que mulheres pudessem falar publicamente sobre temas mundanos, mas ao mesmo tempo lhes negavam o direito de discursar sobre teologia. Em um período no qual as doutrinas da fé eram dominantes na formação humana, criar versos profanos era uma ousadia inesperada por parte das mulheres. Além disso, assim como muitas pensadoras que vieram nos séculos seguintes, ela defendeu a capacidade intelectual das mulheres em oposição às limitações impostas pelos homens.

Embora membros da igreja tenham sido relutantes diante de suas ideias, a freira mexicana viu seu trabalho divulgado publicamente e até hoje inspira mulheres que encontram nas letras a possibilidade de uma existência autêntica. Sórora Juana não recebeu qualquer título acadêmico e não ensinou filosofia, porém, dedicou-se aos problemas do conhecimento enquanto um saber elaborado. E hoje podemos classificar muitos de seus textos como feministas, mesmo que o termo feminismo ainda não existisse no período barroco. Para Barnstone, “a escrita e existência da *Respuesta en si* é o primeiro documento e manifesto de independência que possuímos, talvez em qualquer língua, do direito das mulheres de buscarem vidas de estudos e de seguirem carreiras artísticas e profissionais.” (BARNSTONE, 1993, p.78)

Além de defender que as mulheres poderiam estudar e aprender, a intelectual barroca questionou os limites do conhecimento humano na sua carta-resposta e em outros poemas. Sempre podemos buscar conhecimento, desde as teorias dos livros até as práticas da vida

²⁰ Além das obras de Sorora Juana, há uma extensa bibliografia acerca de sua produção poética e intelectual, que se pode consultar em *La ascendente estrella: Bibliografía de los estudios dedicados a Sor Juana Inés de la Cruz en el siglo XX*, editada por Alberto Pérez-Amador Adam.

cotidiana, onde tais modos de acesso ao saber se complementam. Isso é o que ela demonstra ao comentar “Se Aristóteles tivesse cozinhado, muito mais teria escrito.” (JUANA I. DE LA CRUZ, 2013, p.56) Sórora Juana Inés de la Cruz aprendeu as tarefas domésticas e, ao mesmo tempo, escreveu filosofia e poesia, viveu o amor à sabedoria e provou que, por mais que o conhecimento tenha limites, ainda é uma capacidade incontestável presente em cada ser humano, entre homens e mulheres.

Bibliografia

- ADAM, Alberto Pérez-Amador. (2007). *La ascendente estrella: Bibliografía de los estudios dedicados a Sor Juana Inés de la Cruz en el siglo XX*. Madrid: Iberoamericana.
- BEUCHOT, M. (1996). *Historia de la filosofía en el México colonial*. Barcelona: Editorial Herder.
- BARNSTONE, W. (1993). “Sor Juana Inés de la Cruz”. In: *Six Masters of the Spanish Sonnet: Essays and Translations*. (pp.57-97). Carbondale: Southern Illinois University Press.
- BARROS, G. V. (2011). “Sórora Juana Inés de la Cruz. A mulher na Cidade das Letras”. In: *Darandina. Revista Eletrônica da Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política*. (pp.1-10).
- CASTELLANOS, R. (2017). “Otra vez Sor Juana”. In: *Juicios sumarios 1: Ensayos sobre literatura*. Primera edición electrónica. Ciudad de México: FCE. (pp.20-24). Acesso em 13 de fevereiro de 2020.
- JUANA INÉS DE LA CRUZ. (1989). *Letras sobre o espelho*. Tradução de Teresa Cristófani Barreto e Vera Mascarenhas de Campos. São Paulo: Iluminuras.
- _____. (2012). *Obras Completas de Sor Juana Inés De La Cruz: I Lírica Personal*. Edición, introducción y notas de Antonio Alatorre. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica. Primera edición electrónica.
- _____. (1993). *Poesía*. México DF: Editores Mexicanos Unidos, s.a.
- _____. (2013). *Respuesta a sor Filotea de la Cruz*. México DF: Editores Mexicanos Unidos, s.a.
- FERNÁNDEZ, S. (1978). “El soneto sin el soneto: a proposito de sor Juana Ines de la Cruz”. In: *Revista de la Universidad de Mexico*. N° 11. (pp.1-6).
- GONZÁLEZ, L. A. (2013). “Sor Juana Inés de la Cruz: Sus ideas filosóficas”. In: *Las ideas y el poder en América Latina*. El Salvador: Universidad Francisco Gavidia. (pp.9-51).
- LUISELLI, A. (2017). “Primero sueño: Heresy and knowledge”. In: BERGMANN, E. L., SCHLAU, S. *The Routledge research companion to the works of Sor Juana Inés de la Cruz*. (pp.176-188). London & New York: Taylor & Francis Group.
- MORKOVSKY, M. C. (1991). “Sor Juana Inés de la Cruz”. In: WAITHE, M. E. (Ed.). *A history of women philosophers, volume 3, 1600-1900* (pp.59-72). Kluwer Academic Publishers: Dordrecht / Boston / London.

- PÉREZCASTRO, G. H. (2014). “Sor Juana y la filosofía en la universidad”. In: LORENZANO, S. (Ed.). *Aproximaciones a Sor Juana*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica. (pp. 164-169).
- PAZ, O. (1998). *Sórora Juana Inés de la Cruz: As armadilhas da fé*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim.
- PERELMUTER, R. (2004). *Los límites de la femineidad en Sor Juana Inés de la Cruz: estrategias retóricas y recepción literaria*. Madrid: Iberoamericana.
- RUIZ, C. (2013). “Prólogo y datos biográficos”. In: JUANA I. DE LA CRUZ. *Respuesta a sor Filotea de la Cruz*. México DF: Editores Mexicanos Unidos, s.a.
- SABAT DE RIVERS, Georgina. (1976). “Sor Juana y su ‘Sueño’: Antecedentes científicos en la poesía española del siglo de oro”. In: *Cuadernos Hispanoamericanos. Revista mensual de Cultura Hispánica*. N° 310. Madrid. (pp.186-204).
- STONE, M. W. F. (2007). “Scholastic schools and early modern philosophy”. In: RUTHERFORD, D. (Ed.). *The Cambridge companion to early modern philosophy* (pp.299-327). New York: Cambridge University Press.
- TRABULSE, E. (1997). “El silencio final de sor Juana”. In: *Revista de la Universidad de Mexico*. N° 559. (pp.11-18).